

Decolonialidade e Arquivos: breves considerações sobre a trajetória acadêmica de um intérprete da história da escravidão no Brasil

Descolonialidad y Archivos: breves consideraciones sobre la trayectoria académica de un intérprete de la historia de la esclavitud en Brasil

Decoloniality and Archives: Brief Considerations on the Academic Trajectory of an Interpreter of the History of Slavery in Brazil

 <https://doi.org/10.48162/rev.48.077>

Talita dos Santos Molina Peraçoli

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-9492-7151>
talitadsm@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo objetiva demonstrar como os estudos em arquivos pessoais pode contribuir com pesquisas sobre a história da escravidão no Brasil. Mediante uma perspectiva decolonial e crítica, faremos um percurso da trajetória do intelectual Clóvis Moura por meio de investigação da sua produção acadêmica demonstrado em seus documentos pessoais. A partir da análise de documentos e da leitura de artigos que abordam a decolonialidade e arquivos, procuramos traçar as possibilidades de estudos e pesquisas sobre a história do negro e da escravidão no Brasil.

Palavras-chave: História, Arquivologia, Pensamento Decolonial, Arquivo Pessoal, Clóvis Moura

Resumen: Este artículo tiene como objetivo demostrar cómo los estudios de archivos personales pueden contribuir a la investigación sobre la historia de la esclavitud en Brasil. A través de una perspectiva decolonial y crítica, seguiremos la trayectoria del intelectual Clóvis

Moura a través de una investigación de su producción académica demostrada en sus documentos personales. A partir del análisis de documentos y la lectura de artículos que abordan la decolonialidad y archivos, buscamos delinear las posibilidades de estudios e investigaciones sobre la historia de los negros y la esclavitud en Brasil.

Palabras clave: historia, archivología, pensamiento decolonial, archivo personal, Clóvis Moura

Abstract: This article aims to demonstrate how studies in personal archives can contribute to research on the history of slavery in Brazil. Through a decolonial and critical perspective, we will follow the trajectory of the intellectual Clóvis Moura through an investigation of his academic production demonstrated in his personal documents. Based on the analysis of documents and the reading of articles that address decoloniality and archives, we seek to outline the possibilities for studies and research on the history of black people and slavery in Brazil.

Keywords: History, Archivology, Decolonial Thought, Personal Archive, Clóvis Moura

1. Introdução

Os estudos na área de arquivos privados, especificamente os arquivos pessoais, nem sempre esteve sob o esteio do termo decolonial. Estudos críticos sobre a produção, organização, preservação e uso dos arquivos privados podem ser encontrados na literatura há bastante tempo, especialmente em relação aos arquivos pessoais. Normalmente, as pesquisas sobre os arquivos privados têm como principal intuito compreender as implicações políticas, sociais, históricas e culturais sob o olhar de uma entidade privada ou um indivíduo.

A respeito do Brasil, presenciamos nas últimas décadas uma sucessão de aumentos no debate crítico e decolonial na literatura científica, sobretudo na área de estudos das ciências humanas, sociais e da informação. Os estudos argumentam que as práticas de organização do conhecimento não são neutras, mas moldadas por pressupostos políticos, culturais e históricos, como um reflexo das relações de poder que existem na sociedade.

A perspectiva decolonial e crítica aborda uma visão de mundo emancipatória por meio de um pensamento não opressor em qualquer marcador social existente (Alencar; Tognoli; Cervantes, 2023, p.2).

No artigo de Maíra Fernandes Alencar, Natália Bolfarini Tognoli e Brígida Maria Nogueira, intitulado *Outros Horizontes Críticos e decoloniais nos estudos arquivísticos...*, ao realizarem um mapeamento de estudos na área da ciência da informação cujo foco e temas fossem sobre a dimensão epistêmica crítica e decolonial, afirmam que, com relação à “produção científica que trata da

Arquivística, existe uma escassez de textos que incluam discussões sobre arquivos sob a perspectiva dos estudos críticos e decoloniais” (Alencar; Tognoli; Cervantes, 2023, p.3).

As autoras também sinalizam que a falta de produção científica sobre o tema no contexto nacional evidencia, ainda, uma não-visibilidade dos estudos críticos e decoloniais no contexto de formação da educação Arquivística brasileira, aspecto que motivou este artigo.

Desse modo, fazendo uso de uma abordagem decolonial da práxis arquivística, no qual buscamos colocar em evidência personagens, grupos e práticas socioculturais historicamente alijados das esferas de poder, pretendemos neste artigo refletir sobre um intérprete da história da escravidão no Brasil por meio de uma análise sobre seu arquivo pessoal, que está disponível para acesso e consulta no Centro de Documentação e Memória da Unesp-CEDEM.

Vale salientar que, estudar a trajetória de Clóvis Moura foi o objeto de minha pesquisa de Iniciação Científica¹, no qual realizei uma investigação sobre a importância dos arquivos pessoais como fonte e objeto de estudos para a área das Ciências Humanas, obtendo como um dos resultados a elaboração de um inventário do Fundo Clóvis Moura².

Sendo assim, pretendemos que o leitor tenha um deslocamento do olhar para compreender a gama de possibilidades de pesquisas e narrativas sobre a temática da escravidão no Brasil. Isso quer dizer que buscamos concentrar nossa presença sobre as narrativas existentes na constituição dos acervos, nos usos e reusos da informação, sob uma perspectiva que nos permita identificar a interação entre a comunidade e o arquivo (Gak; Toseli; Costa; Chipoco, 2021, p.105).

Considerado intérprete do Brasil, Clóvis Steiger de Assis Moura procurou compreender a sociedade brasileira com a intenção de explicar suas desigualdades através de estudos e pesquisas sobre a história do Brasil, reinterpretando a história do povo negro do país (Silva, 2021).

¹ Este artigo é resultado de pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP. Nº do processo. 2009/50347-1.

² O site do CEDEM disponibiliza artigos produzidos por diversos intelectuais sobre as obras de Clóvis Moura sob a perspectiva de seu acervo pessoal. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/formas-de-resistencia-do-negro-escravizado-e-do-afrodescendente/>. Acesso em: 15.abr.2024.

Desse modo, ao examinar o arquivo pessoal de Clóvis Moura, estamos pretendendo alcançar uma das tarefas dos historiadores diante deste tema, que está em trazer à tona experiências e vivências invisibilizadas e/ou deturpadas durante séculos de produção do conhecimento eurocentrado.

Nossa proposta está em traçar as linhas teóricas e metodológicas partindo de uma definição do conceito de decolonialidade e buscando relacioná-lo a práxis arquivística mediante a pesquisa realizada no arquivo pessoal de Clóvis Moura.

Portanto, este artigo tem por objetivo demonstrar como os estudos e pesquisas em arquivos pessoais podem contribuir em pesquisas sobre a história da escravidão no Brasil. Mediante uma perspectiva decolonial e crítica, faremos um percurso da trajetória do intelectual Clóvis Moura por meio de investigação da sua produção acadêmica demonstrado em seus documentos pessoais. A partir da análise de documentos e da leitura de artigos que abordam a decolonialidade e os arquivos privados/pessoais, procuramos explorar as possibilidades de estudos e pesquisas sobre a história do negro e da escravidão no Brasil.

Para tal, vamos abordar, primeiramente, o pensamento decolonial e sua relação com os arquivos para que assim possamos fazer breves considerações sobre a trajetória de Clóvis Moura. Feito isso, apresentaremos brevemente o *Fundo Clóvis Moura*, com destaque para o grupo Produção Intelectual, no qual identificamos diversos documentos sobre a escravidão e a questão do negro no Brasil, para finalmente tecermos as considerações finais do artigo.

2. Decolonialidade e Arquivos

Martina Spohr afirma em seu artigo que nas últimas décadas as atividades de preservação, gestão e da própria composição dos arquivos mudou consideravelmente, em especial com o surgimento dos documentos digitais e de reflexões derivadas de estudos feministas e pós-coloniais. A chegada de novas vozes de diferentes setores da sociedade nos abriu os ouvidos para permitir a escuta sobre a vontade de guardar de maneira mais democrática e inclusiva (Spohr, 2023, p.2).

Dessa maneira, temos observado uma ampliação do olhar para os acumuladores de documentos pessoais em suas dimensões biográfica e temática. Alguns temas passam a indicar diversas abordagens ao debate sobre o arquivo, potencializando os percursos de construção da memória com ênfase nas escolhas que motivam a

acumulação de registros sobre trajetórias pessoais dos mais diversos setores sociais. Presenciamos, também, o impacto dos estudos feministas e pós-coloniais na pesquisa e na prática dos arquivos, que passaram a compor seus acervos históricos a partir das perspectivas de gênero, étnico-racial e regional (Spohr, 2023).

No que se refere ao pensamento decolonial, temos, por um lado, uma corrente surgida mais precisamente nos anos 1990 a partir das reflexões do sociólogo peruano Aníbal Quijano e do semiólogo argentino Walter Mignolo. Por outro, corresponde a um esforço empreendido por grupos sociais no sentido de promover um desengajamento subjetivo, epistêmico, econômico e político contra a persistência de práticas e estruturas de dominação, consideradas coloniais (Pinto, Mignolo, 2015; Mignolo, 2011; Ballestrin, 2013, *Apud* Gak; Toseli; Costa; Chipoco, 2021, p.105). Ou seja, a decolonialidade é um caminho para retomar conhecimentos e práticas políticas, econômicas, culturais, sociais e ontológicas classificadas por séculos como inferiores, estranhas, primitivas, selvagens etc.

Assim, a abordagem decolonial tem como proposta desvendar e denunciar as conexões entre as relações de poder globais que se estabeleceram no contexto da expansão colonial europeia e as condições históricas de desigualdade, existentes ainda hoje, principalmente no que se refere a história da escravidão e dos negros no Brasil. Por essa razão, um dos pontos nevrálgicos para os estudos que se filiam a essa corrente de pensamento é o conceito de colonialidade, entendida como uma permanente relação de poder surgida a partir da expansão colonial europeia sobre as Américas e que representa o núcleo, bem como a condição necessária da modernidade ocidental (Gak; Toseli; Costa; Chipoco, 2021).

Para além do processo de colonização, a colonialidade se refere a um conjunto de princípios e valores que fundamentam a manutenção das relações de poder e discursos que justificam historicamente práticas de dominação de um grupo ou nação sobre outro ou outros. Essas práticas permanecem nas sociedades que vivenciaram em sua história a experiência da colonização e se reproduzem na maneira como se estruturam as relações entre os sujeitos.

O racismo, por exemplo, faz parte das estratégias de dominação do contexto colonial, mas permanece e se atualiza constantemente na sociedade herdeira dessa experiência. É, portanto, produto de uma epistemologia baseada na segregação, classificação e hierarquização de um grupo por outro que detém as condições de controlar a produção do conhecimento e conferir credibilidade a essa

hierarquização. O “esquecimento” dos negros na história “oficial” do Brasil após a abolição da escravatura e a insistente marginalização deles pela sociedade brasileira encontram nessa hierarquização a sua justificativa primordial. (Pinto, Mignolo, 2015, *Apud* Gak; Toseli; Costa; Chipoco, 2021, p.106).

Sobre os arquivos, temos que se constituem enquanto conjuntos documentais envolvidos no processo de formação de identidades e produção do conhecimento. Respeitar os princípios consagrados da Arquivologia, sem opor-lhes uma crítica que considere as pressões impostas pela permanência dessa lógica da colonialidade, contribui para reforçar esses padrões de hierarquização e conservar as estruturas de dominação (Ballestrin, 2013, p.100-101).

A forma pela qual se dá, nos fundos e coleções dos arquivos públicos brasileiros, a presença de grupos sociais historicamente marginalizados, como negros, indígenas e mulheres é um exemplo disso. A aplicação da abordagem decolonial à Arquivologia consiste numa proposta de compreensão ampliada das noções de “arquivo” e “documento”, como forma de trazer à tona silenciamentos impostos nos processos de constituição de acervos arquivísticos (Gak; Toseli; Costa; Chipoco, 2021).

Além disso, o arquivo deve ser pensado não apenas pelo seu conteúdo, mas também pelo seu contexto, sua função e atuação na comunidade em que está inserido. Tampouco o documento deve ser pensado nas fronteiras da definição tradicional, que reconhece no suporte físico ou digital os meios de transmissão da informação.

Antes, a noção de documento deve reconhecer as práticas dos grupos que criam formas de transmissão de informação e saberes. De acordo com essa percepção, performances, rituais, práticas culinárias e celebrações podem ser entendidas como a forma que grupos encontram de registrar e transmitir conhecimento (Gak; Toseli; Costa; Chipoco, 2021, p. 106-108).

Nesse sentido, abordar a decolonialidade na área de arquivos pode ser considerada uma ação contra as lógicas coloniais no contexto dos registros e da memória. Por exemplo, analisar um arquivo pessoal de um sociólogo pelo foco de sua produção intelectual pode incentivar outros olhares com relação a história da escravidão no Brasil. Em síntese, os estudos arquivísticos decoloniais visam romper com a lógica da colonialidade existente no campo, seja no ensino ou nas práticas de criação e preservação da memória.

Portanto, mesmo com a crítica a arquivística tradicional, para melhor compreensão da reflexão feita neste artigo, é primordial elucidar a definição de arquivos privados e justificar o porquê de os arquivos pessoais serem vistos na atualidade como fonte e/ou objeto de pesquisa na atualidade.

Inicialmente, partiremos da terminologia tradicional que se têm de arquivos privados. De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, DIBRATE, arquivos privados são: “arquivo de entidade coletiva de direito privado, família ou pessoa” (Arquivo Nacional, 2005). Na Lei de Arquivos, Capítulo III, artigo 11, considera-se “arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência das suas atividades” (CONARQ, 2022).

Nesta mesma linha, o historiador Laurent Vidal, em seu artigo *Acervos pessoais e memória coletiva*, determina arquivo pessoal como “o conjunto de documentos produzidos e/ou pertencentes a uma pessoa, a um indivíduo, resultados de uma atividade profissional ou cultural específica” (Vidal, 2007, p.4), destacando que o papel das sociedades modernas está em perceber que a memória coletiva só pode ser revelada a partir dos estudos dos arquivos coletivos, ou pessoais.

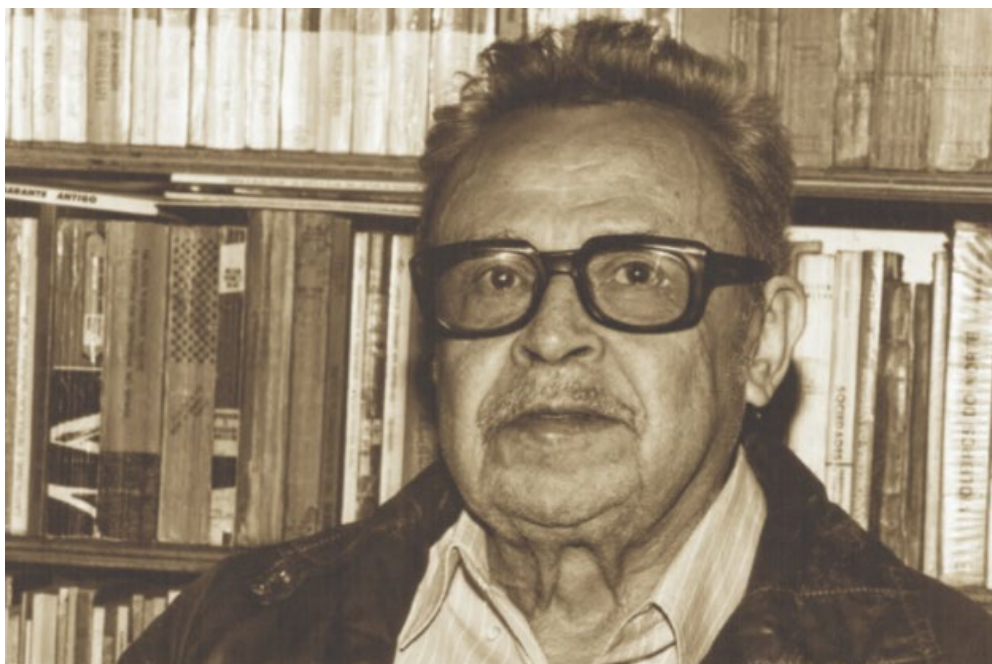
Luciana Heymann ressalta que os arquivos pessoais devem ser tratados como um meio de acesso mais direto ao personagem e à trajetória do que se pretende investigar. Eles devem ser vistos como objeto sociológico e histórico para que, assim, possam revelar ideários políticos, projetos pessoais e processos sociais neles investidos (Heymann, 2005). Depreende-se, portanto, que os arquivos pessoais proporcionaram uma ampliação do universo de fontes, gerado pelo desenvolvimento da pesquisa historiográfica e pela incorporação dos estudos históricos nas diferentes áreas da pesquisa social e das humanidades em geral, trazendo como um de seus resultados mais marcantes a atenção para os arquivos pessoais, a ponto de torná-los, muitas vezes, o próprio objeto de pesquisa.

Em resumo, nos propomos nesse artigo a expandir nossa visão crítica para a própria sociedade em que estamos inseridos, estranhando nossos próprios costumes e representações, utilizando como principal dispositivo o arquivo pessoal e a trajetória de um intelectual brasileiro que sempre teve como objeto basilar em sua pesquisa a escravidão e a vida do negro no Brasil.

3. Breves considerações sobre a biografia de Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003)

Para os que desconhecem o sociólogo Clóvis Moura (figura 1), é importante destacar alguns dados biográficos de sua trajetória profissional. Sem nenhuma intenção de “monumentalizar” esse intelectual, sua trajetória documenta, de forma irrefutável, a luta contra a desigualdade racial e social dentro e fora dos meios acadêmicos, em âmbito local, regional e nacional.

Figura 1: Clóvis Moura.



Fonte: <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/ensaistas/1381-clovis-moura>

Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003) nasceu em 1925, no município de Amarante, no Piauí (Brasil). Filho de Francisco de Assis Moura e Elvira Moura, se considerava descendente de um “barão prussiano” e de uma escrava da fazenda de engenho na zona da mata pernambucana. Depois de residir em Natal (RN) e Salvador (BA), foi para São Paulo onde concluiu o curso de Ciências Sociais no ano de 1953. Concomitantemente a sua carreira de jornalista e como membro do Partido Comunista Brasileiro, PCB, Moura pesquisava história, em particular sobre a escravidão e a história do negro no Brasil, tendo como objetivo demonstrar o importante e ativo papel do negro na formação da nação brasileira. Dessa forma, em 1959 publicou seu primeiro e marcante livro, *Rebeliões da Senzala*, livro que completou 65 anos agora em 2024, dentre vários outros que publicou posteriormente, sendo boa parte de seus livros sobre a questão racial no Brasil, no

qual procurava evidenciar a marginalização dos negros, buscando deste modo valorizar a resistência dos negros na sua condição de escravo e, na atualidade, reconhecer a luta dos negros contra o preconceito racial e sua marginalização na sociedade brasileira.

Em 1975, fundou o Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) e promoveu cursos, debates e atividades culturais com a participação dos militantes do movimento negro, que, nesse período, se organizava de forma mais efetiva.

Morreu no ano de 2003, aos 78 anos, no Hospital Albert Einstein, no município de São Paulo, SP. Com o falecimento de Clóvis Moura, sua filha, Soraya Moura, doou seu arquivo pessoal ao Centro de Documentação e Memória da UNESP-CEDEM. Esses documentos estão organizados e foram liberados à consulta no ano de 2005.

4. A trajetória de Clóvis Moura por meio de sua produção intelectual

Intérprete do Brasil, Clóvis Moura procurou entender nossa sociedade com a intenção de explicar suas desigualdades por meio de uma rica pesquisa sobre a história do Brasil, reinterpretando a história do povo negro do país. Sua obra parte do materialismo histórico e acrescenta a práxis negra para uma original interpretação das análises sociais e históricas do país.

Moura diverge teoricamente de intelectuais consagrados como Nina Rodrigues e Gilberto Freyre e se aproxima das interpretações de pensadores como Florestan Fernandes e Octavio Ianni, sobretudo em relação à ideologia da “democracia racial” (Silva, 2021).

Como intelectual orgânico e um pensador negro, as experiências que o habitam também fazem parte do seu repertório para lidar com as subjetividades e sua posição política.

Portanto, a análise mouriana se preocupa com a mudança do comportamento de intelectuais que sistematicamente reproduzem na historiografia uma abordagem conservadora que minimiza a contribuição de pessoas não-brancas para o desenvolvimento da Nação brasileira. Embora tenha preocupação com os escritos sobre a História do Brasil, Moura ressalta a importância das produções e dos saberes dos Movimentos Negros para a historiografia brasileira, ele entende que essas produções comprometidas com os oprimidos são fundamentais para uma maior abertura nos estudos das relações raciais no Brasil (Silva, 2021, p. 145).

Importante destacar que esta análise mouriana foi elaborada com base no materialismo histórico, contribuindo para que chegasse à utilização de categorias como “quilombismo”, categoria essa que dialoga com a crítica decolonial. Wanessa Silva destaca essa questão em sua tese, quando afirma que

Moura constrói sua pesquisa colocando “o negro” como sujeito político e central das suas análises, a práxis negra pode ser entendida também como uma forma de “enegrecer o marxismo”. Ele interpreta as relações históricas entre os sujeitos no período escravista, na pós-abolição e na sua condição de homem negro e mulher negra dentro de uma sociedade de classes (Silva, 2021, p. 143).

Assim, podemos afirmar que Moura foi um intelectual comprometido com uma prática antirracista, compreendendo que um intelectual deve ter uma práxis política, se quisermos ter “modificações no pensamento racista e preconceituoso do brasileiro, pois apenas pesquisas e livros não serão suficientes para romper com ‘pactos da branquitude’” (Silva, 2021, p. 144).

Desde *Rebeliões da Senzala* (1959) até *Dicionário da Escravidão Negra* (2004) que foi lançado um ano após seu falecimento, Clóvis Moura construiu uma obra inestimável sobre a história do Brasil. Divulgar essas obras tão importantes não é apenas prestigiar o autor, é contribuir com a luta antirracista, é demonstrar uma nova e importante abordagem teórica para se pensar as relações raciais e a história que durante muito tempo não foi contada do Brasil (Silva, 2021, p. 145-146).

Clóvis Moura em *Rebeliões da Senzala* reitera que o funcionamento da sociedade brasileira com relação à passagem da escravidão para o trabalho livre teve no quilombola o elemento rebelde e que por isto mesmo negava o regime existente como um fator positivo:

já o escravo engastado no processo de produção, à medida que com ele se conformava e mais produzia, era um elemento *conservador*. Daí toda essa simbologia que até hoje é usada de glorificação do trabalho escravo no Brasil, que vai desde a literatura da Mãe Preta, da mucama que se entregava ao senhor, dos moleques que apanhavam alegremente do *sinhozinho*, aos trabalhos de sociologia que procuram mostrar como o escravo contribuía para o desenvolvimento da sociedade brasileira através do seu trabalho conformado. São formas sutis ou abertas de escamoteação do verdadeiro processo social, deformações que procuram inverter os termos do assunto através de estereótipos formados pelos interesses conservadores e que têm ligação histórica com os interesses dos antigos senhores-de-escravos. A

escravidão passiva sustentava a escravidão. O quilombo solapava-a (Moura, 1988, p. 273).

Vale ressaltar as conexões do pensamento de Clóvis Moura com os movimentos de independência das colônias africanas e suas relações com negritude e panafricanismo³ presente em suas obras, como indicado no artigo intitulado *História sociológica brasileira e Pan-africanismo: reflexões para a Educação*, no qual afirmam que os intelectuais panafricanistas, como Clóvis Moura,

procurou combater o eurocentrismo e as visões racistas sobre a história do Brasil, combatiam o eurocentrismo e as visões racistas sobre a história do Brasil e apontavam que o eurocentrismo propagava visões superficiais da história brasileira, no intuito de dificultar o reconhecimento do protagonismo negro (Silva; Souza; Cunha Júnior; 2023, p. 18).

Percebe-se que não coube na trajetória acadêmica-política de Moura uma neutralidade, ao se posicionar contra as forças conservadoras e ditatoriais de nosso país, ele apresenta o cerne de um intelectual compromissado com a luta dos oprimidos.

Dessa maneira, sua relação com os intelectuais africanos e das diversas partes do mundo foi um ponto significativo da sua trajetória. Ao se comunicar com inúmeros pensadores, debater e conhecer a realidade de cada país dos quais tomou conhecimento através das inúmeras viagens, pesquisas, congressos e trocas de trabalho, soube entender as aproximações e divergências dos países que sofreram também com o processo de colonização (Silva, 2021).

Em entrevista concedida à Revista da União Nacional dos Estudantes, em 1981, Moura faz a seguinte consideração acerca do pensamento basilar sobre o negro no Brasil:

o colonizador tinha que ter os elementos que justificassem a missão colonizadora, a missão de rapina na África. Para isso foi necessário criar

³ No movimento do Pan-Africanismo temos uma via de discussão da formação do operariado de populações negras na diáspora e no continente africano. Uma via autônoma com relação ao marxismo, por vezes incluindo o marxismo e outras vezes o superando. O Pan-Africanismo recupera a existência de intelectualidades negras ao longo de toda a história das civilizações africanas e europeias. Sendo que foi um dos movimentos importantes no processo de independência africana. Ao nos permitir conhecer, compreender e sistematizar os ideários de intelectuais negros, o Pan-Africanismo nos propicia desestruturar o eurocentrismo. No caso do Brasil, temos intelectuais que, em suas obras procuraram, combater o eurocentrismo e as visões deturpadas sobre a história do Brasil, como, por exemplo, Guerreiro Ramos (1995), Clóvis Moura (1988), Abdias Nascimento (2019). (Silva; Souza; Cunha Júnior; 2023, p.19). Macedo da Silva, M., de Souza, M. A., & Cunha Junior, H. (2023). História sociológica e Pan-Africanismo: reflexões para a educação. *Esferas*, 1 (28). <https://doi.org/10.31501/esf.v1i28.14693>.

ideólogos, e surgiu no Brasil uma intelectualidade racista, que não aceita o negro como igual ao branco. Os nossos melhores pensadores, como Euclides da Cunha, Sílvio Romero, Tobias Barreto, todos eles mostravam como um dos fatores de atraso no Brasil não era a escravidão, mas o negro. Eles criaram um filão de pensamento que vem até os nossos dias. Nós temos um Oliveira Viana, um Gilberto Freire, sendo que este aparentemente tem uma obra democrática, antirracista, mas que no fundo é uma obra que justifica a escravidão. Gilberto Freire criou uma teoria através da qual o senhor é bondoso e o escravo dócil, e com isso ele neutraliza a existência da luta de classes durante o regime escravista. [...] Esconde-se da História do Brasil todo o problema de conflito durante a escravidão. Por aí nós vemos como nossa história é fraturada⁴. (Portal Geledés, 2009).

O Brasil sofreu com variadas modificações no regime político e econômico, mas não houve uma alteração estrutural que conseguisse colocar o negro como protagonista de sua própria história. Rebeliões da Senzala propõe como o processo da abolição se deu muito antes da assinatura da princesa Isabel, inaugurando no campo historiográfico a composição de características das lutas negras e a sua importância para o movimento da quilombagem, que desgastou permanentemente o regime escravista no país (Silva, 2021). Moura argumentou que a luta de classes se revela também no escravismo e que se estendeu por todo o território nacional.

A obra mouriana nos revela as raízes da opressão racial, como funcionam e funcionaram as estruturas de poder que advêm do nosso passado colonial, com respaldo jurídico e científico por uma suposta inferioridade racial; essa estrutura, ainda que com outros nomes, permanece e legitima as elites brancas que ocupam os mais diversos espaços de poder e determinam o que acontece nas esferas públicas e privadas do país (Silva, 2021, p. 148).

Dessa forma, Moura entende a necessidade de compreender as raízes do nosso passado histórico e com isso a estrutura da sociedade brasileira, além de demonstrar a combativa e protagonista história da luta negra ao longo de todo processo histórico e, sobretudo, na formação da nação. Os mecanismos desenvolvidos por quem detém o poder de controle da sociedade ergueu barreiras sociais e raciais, que reproduzem estigmas e interrompem o desenvolvimento econômico de grupos específicos (Silva, 2021).

⁴ Entrevista de Clóvis Moura concedida a Revista Movimento da União Nacional dos Estudantes, em 1981 e disponibilizado no Portal do Geledés em 2009.

Em sua última obra, Moura aprofunda sua análise de plenitude do escravismo no Brasil, ressaltando o papel determinante que o escravismo teve na formação da sociedade brasileira:

Quando democratizarmos, realmente, a sociedade brasileira nas suas relações de produção, quando os polos de poder forem descentralizados através da fragmentação da grande propriedade fundiária e o povo puder participar desse poder, quando construirmos um sistema de produção para o povo consumir e não para exportar, finalmente, quando sairmos de uma sociedade selvagem de competição e conflito, e criarmos uma sociedade de planejamento e cooperação, então, teremos aquela democracia racial pela qual todos nós almejamos. (MOURA, 1994, p. 160).

Para finalizar, Moura destaca que “os problemas não solvidos com o 13 de Maio deixaram aderências e canalizaram forças negativas que até hoje continuam influenciando na nossa história social” (Moura, 1988, p. 32). Por essa razão indicamos a seguir as principais obras de Clóvis Moura, demonstrando como a escravidão e a questão do negro Brasil foram temáticas nevrálgicas em sua trajetória:

- (1977). O negro: de bom escravo a mau cidadão?. Conquista.
- (1978). A Sociologia Posta em Questão (1978). Ciências Humanas.
- (1981). Os quilombos e a rebelião negra. Brasiliense.
- (1989). História do negro brasileiro. Ática.
- (1990). As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira. Oficina do Livro.
- (1994). Dialética Radical do Brasil Negro. Anita Garibaldi.
- (2001). Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. Edufal.
- (2004). Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. Edusp.
- (1988). Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas. Mercado Aberto.
- (2021). Quilombos: resistência ao escravismo. Expressão Popular.

Depreende-se dessa explanação que o percurso de estudos de Clóvis Moura interliga-se a tentativa de compreensão da escravidão no Brasil, o racismo e a marginalização dos negros na sociedade brasileira.

Assim, como possibilidade de mudança, Clóvis Moura enfatiza que uma das maneiras mais contundentes para que haja de fato uma quebra nessa estrutura de poder é o fim do sistema capitalista, para ele o socialismo seria a maneira pela qual as desigualdades sociais e raciais teriam fim. A revolução sendo protagonizada pela massa popular, consciente da sua opressão racial e social e assim mudaria os rumos da sociedade (Silva, 2021).

Por fim, baseado em uma perspectiva de trajetória de estudos e pesquisas “enviesada” de Moura, temos que os próprios títulos das obras, que enfatizam espaços como os quilombos e as ações de rebelião e rebeldia, nos revelam a perspectiva alternativa proposta neste artigo, que é a de investigar os arquivos sob a ótica da decolonialidade.

5. O Arquivo Pessoal de Clóvis Moura e sua relação com a história do negro no Brasil

Reconhecendo o arquivo pessoal como objeto de pesquisa, podemos afirmar que a trajetória acadêmica de Clóvis Moura se confunde com os documentos existentes em seu arquivo particular. Mediante o acervo pessoal de Clóvis Moura é notório a presença de projetos, pesquisas, estudos e materiais sobre a escravidão e o negro na história do Brasil.

Prova disso é o reconhecimento de “Notório Saber” (equivalente a um título de doutorado) da USP na década de 1980 e a publicação de seu livro “Dicionário da Escravidão Negra no Brasil”, publicado pela EDUSP no ano de 2004. Clóvis Moura foi uma presença marcante em diferentes momentos da história da política brasileira do início da década de 1950 até aproximadamente o final dos anos 1990, assumindo diversas vezes um protagonismo já identificado na biografia do qual seu acervo pessoal revela.

Apenas para mencionar alguns temas, pode-se falar na sua atuação em partidos de esquerda no Brasil, na luta pela implementação de um Museu Afro-Brasileiro no ano de 1989 em São Paulo, sua atuação nos Quilombos de Mimbó e de Palmares (hoje reconhecido institucionalmente como terra de quilombolas⁵) e sua participação em vários eventos internacionais em busca da valorização do negro no Brasil.

⁵ Prova desse esforço está no tombamento em 1986 do Quilombo de Palmares pelo IPHAN como patrimônio histórico e cultural nacional.

O acervo de Clóvis Steiger de Assis Moura, sob custódia do Centro de Documentação e Memória da UNESP-CEDEM⁶, constitui uma importante fonte histórica para o estudo da história do negro no Brasil e da formação da nação brasileira, particularmente no que se refere ao período de 1955 a 1999⁷.

Com o título de *Fundo Clovis Moura*, o arquivo possui documentos textuais, iconográficos, bibliográficos e sonoros. Com aproximadamente 104 caixas arquivo, o acervo é composto por um conjunto de textos, material de projetos e pesquisas, artigos, resenhas, anotações, bem como uma vasta bibliografia acadêmica que lhe servia para leituras, além de expressiva correspondência com grandes intelectuais do nosso país, como Jorge Amado, Caio Prado Junior, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Também é formado por coleções de jornais e documentos utilizados como fontes de pesquisa, entre elas as Atas da Confraria do Rosário (Caifazes), além de originais e apontamento de artigos, livros, crônicas entre outros (CEDEM, 2022, p.118).

Em pesquisa financiada pela Fapesp em 2009, já citada no início deste artigo, tivemos como resultado a elaboração de um Inventário, instrumento de pesquisa essencial para facilitar o acesso de qualquer pesquisador a esse conjunto documental.

Dessa forma, o *Fundo Clóvis Moura* tem um sistema de arranjo organizado em três grupos e duas séries:

- Grupos:
 1. Correspondências;
 2. Atividades Acadêmicas/Eventos;
 3. Produção Intelectual.
- Séries:
 1. Documentos Pessoais;
 2. Produção Intelectual de Terceiros.

⁶ Centro de Documentação e Memória da UNESP - CEDEM: <https://www.cedem.unesp.br/#!/publicacoes/guia-acervo-3-edicao/>.

⁷ Para saber mais sobre o *Fundo Clóvis Moura*, consultar: Molina, T. (2019). O acervo documental de Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003). *Escritas Do Tempo*, 1(2), 5-24. <https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v1.i2.2019.0524>.

O grupo Correspondências abrange o período de 1941 a 2004 e estão integrados por cartões de natal; cartões postais; cartões de aniversário e casamento; cartões diversos; telegramas recebidos e enviados; cartas recebidas e enviadas; envelopes vazios; convites; e correspondências emitidas e recebidas do IBEA, Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (1967-1991), no qual Clóvis Moura participou da criação desse instituto. Destacamos as correspondências com Caio Prado Jr., Carlos Drummond de Andrade, Décio Freitas, João Baptista Borges Pereira, Jorge Amado, Kabengele Munanga, Luiz Sávio de Almeida, Mário Maestri, Nelson Werneck Sodré, Pedro Paulo Funari, entre outros. Importante salientar que boa parte destes intelectuais também analisavam em seus estudos a sociedade brasileira e a questão da escravidão no Brasil.

Com relação ao grupo Atividades Acadêmicas & Eventos, temos documentos de 1950 a 2003 e contém, predominantemente, documentos relativos a bancas de defesas de Mestrado e Doutorado de que participou, divulgação de eventos científicos e culturais, e um grande dossiê dos eventos que envolveram a participação de Clóvis Moura.

O grupo Produção Intelectual contém textos, resenhas, originais e recortes de jornais produzidos por Clóvis Moura, que tratam principalmente da história do negro no Brasil, do racismo e do preconceito racial existente na América. Este grupo possui documentação que serviu como material de pesquisas e projetos, além de textos originais de Clóvis Moura que não foram publicados ou rascunhos de obras publicadas, como o Dicionário da Escravidão Negra no Brasil, publicado pela Edusp em 2004 e reimpresso em 2022.

A Série Documentos Pessoais inclui: certificados, contratos diversos, documentos bancários e financeiros, fotos entre outros. A Série Produção Intelectual de Terceiros possui textos de terceiros, currículos de terceiros e boletins.

Em suma, suas cartas, artigos, resenhas, anotações, textos de terceiros e recortes de jornais dão conta de fatos sobre a escravidão, a história do negro e o racismo no Brasil, o preconceito racial e a marginalização dos negros no pós-abolição, entre outros.

6. O Catálogo Preliminar do Grupo Produção Intelectual

Tendo conhecimento da importância das obras de Clóvis Moura, consideramos em nossa pesquisa que os documentos incluídos neste grupo mereciam uma atenção

maior de nossa parte, portanto, elaboramos um catálogo preliminar do grupo produção intelectual com o intuito de proporcionar aos pesquisadores e/ou cidadãos maiores informações sobre o que Clóvis Moura produziu ao longo de sua trajetória como pesquisador da sociedade brasileira.

Dessa forma, ao trabalhar com a organização desses documentos para fazer este catálogo preliminar, separamos em: um dossiê de projetos e pesquisas; uma série de materiais para a pesquisa, como: recortes de jornais, anotações e referências bibliográficas, documentos audiovisuais, entrevistas transcritas e fontes utilizadas para os projetos que ele participou e/ou integrou. Também encontramos textos de sua própria autoria, com onze artigos inéditos e setenta artigos já publicados; originais e rascunhos de livros já publicados ou em vias de possível publicação; nove resenhas; onze notas; doze textos de apresentações, comunicações e/ou palestras em eventos que participou.

No universo deste conjunto documental, identificamos documentos riquíssimos sobre a história do negro no Brasil. Desde os projetos até os textos inéditos, a questão do negro Brasil é uma constante, demonstrando como a trajetória de vida desse intelectual está presente na documentação.

Entre os projetos e pesquisas, destacamos o estudo sobre a influência do negro no sertão da Bahia; o negro no Brasil e sua degradação cultural; as famílias descendentes de Quilombos que enfrentam grileiros para conseguir a posse das terras no interior da Bahia; pesquisa sobre os negros escravos muçulmanos vindos ao Brasil (1986-1989); Dicionário da Escravidão Negra no Brasil (1988), com verbetes, projetos, modelo de publicação da obra; Museu Municipal de Cultura Afro-Brasileira (1989-2002); Projeto Rota do Escravo da UNESCO (1998); Projeto (Fundação Cultural Palmares) do livro História do Negro no Brasil (2002); Projeto Arqueológico Palmares (1991-1992); sobre Frei Caneca; Oligarquias Políticas no Brasil; Influência do negro no sertão (Bahia); A Comunidade Negra de Mimbó (1984-1985).

Nesse caminho, boa parte dos materiais para a pesquisa também abordam a temática racial e a questão do negro no Brasil. Temos recortes de jornais brasileiros ou estrangeiros com artigos que tratam somente da África, como os jornais “A semana” e “Jornal de Angola” e sobre a presença social e cultural dos negros, preconceito racial, a cultura negra no Brasil, além de documentos e recortes de jornais sobre a escravidão e a abolição da escravatura. As anotações e os

documentos audiovisuais seguem essa mesma trajetória, como anotações da comunicação “A Valorização Crescente da Quilombagem na Historiografia Brasileira”, apresentada em congresso no ano de 1988 e fitas cassetes de entrevistas realizadas na comunidade de Mimbó, assim como uma conferência de Clóvis Moura, com o título: “De bom escravo a mau cidadão: história do negro no Brasil, questão racial no Brasil”, realizado em São Carlos/SP.

Dentre as diversas fontes utilizadas para pesquisa, destacamos o material sobre revoltas dos escravos e manuscritos do Arquivo Público da Bahia; documentos sobre as comunidades remanescentes de quilombos, como panfletos, abaixo-assinados, textos, recortes de jornais, legislação, correspondências e publicações. Recortes de jornais de grande circulação para a pesquisa, como *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, e documentos e textos sobre o racismo e a história do movimento negro no Brasil.

Com relação aos textos originais ou já publicados, nos chamou atenção o artigo A Questão racial e a identidade étnica no Brasil; A Escravidão Brasileira, Trabalho e Castigo; Significado do Açoite e do Pelourinho no contexto da Cultura Brasileira; História da Escravidão: um diálogo entre Hamlet e Polônio?. O Negro após a Abolição; Sobrevivências do sistema escravista na estrutura da sociedade brasileira; Estratégia do Imobilismo Social contra o negro no mercado de trabalho; O negro escravo como imigrante forçado; Cem anos de abolição do escravismo no Brasil; Trajetória do negro brasileiro: da escravidão à marginalização. Ressaltamos também o texto para a comunicação apresentada no Congresso Internacional da Escravidão realizado em São Paulo, no dia 08 de junho de 1988: Trajetória da Abolição em São Paulo: do quilombismo radical à conciliação.

Sobre os livros, merece um destaque particular, indicaremos aqui originais de obras que já foram publicadas e rascunho de originais com possibilidade de publicação:

- [Livro]: A Encruzilhada dos Orixás. EDUFAL, 1ª ed., 2003.
- [Livro]: Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. EDUFAL, 1ª ed., 2001.
- [Livro]: Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos, 2000. Ed. Expressão Popular.
- [Esboço do livro]: Escravismo Tardio.

- [Livro]: Introdução à História Geral do Negro no Brasil. Com anotações, estrutura do projeto do livro, cartas a autores que também pesquisam o assunto, entre outros.
- [Livro]: Os Quilombos como presença na formação do Brasil.
- [Livro]: O racismo contra o negro na literatura de cordel.
- [Livro]: A difícil trajetória das organizações negras em São Paulo.
- [Capítulo de um livro]: Democracia e Multiculturalismo
- [Rascunho de um livro, com cerca de 200 páginas]: “OS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES NA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA”.

Em resumo, o arquivo pessoal de Clóvis Moura foi selecionado levando-se em consideração os aspectos como a constituição de seu acervo, sua atuação junto à comunidade acadêmica e sua função social. Nosso objetivo é identificar elementos no Fundo Clóvis Moura, Grupo Produção Intelectual, que permitam ressaltar vozes historicamente silenciadas e romper padrões de controle e dominação baseados em critérios de gênero, raça e classe (Gak; Toseli; Costa; Chipoco, 2021, p. 109).

7. Considerações Finais

Esse artigo nos permitiu conhecer a trajetória acadêmica de um intérprete da história da Brasil através de breves considerações sobre o arquivo pessoal de Clóvis Moura, especificamente a documentação relativa à sua produção intelectual.

Assim, nosso propósito neste artigo foi exibir ao leitor as aproximações teóricas relativas as práticas arquivísticas no decurso de uma abordagem decolonial. Defendemos que essa perspectiva produz um diálogo bastante profícuo entre a Arquivologia e a História da escravidão e do negro no Brasil tendo como objeto de estudo o arquivo pessoal de Clóvis Moura.

As relações estabelecidas entre a produção intelectual de Clóvis Moura e seu arquivo pessoal potencializam a capacidade dos grupos marginalizados pela sociedade brasileira a se apropriarem das narrativas sobre suas experiências históricas e práticas políticas, culturais, econômicas e epistêmicas (Gak; Toseli; Costa; Chipoco, 2021, p. 112).

Com discussões contemporâneas importantes, das quais concluímos que deve estar no radar de todos que tomam os arquivos pessoais como objeto de estudo,

articular os debates sobre a organização de arquivos pessoais e seus processamentos técnicos, com reflexões sobre os diferentes contextos políticos e sociais que se manifestam por meio da memória e da história presente nos documentos acumulados por pessoas, seus contextos e relações devem ser cada vez mais presentes (Spohr, 2023).

São essas as particularidades que fazem desses arquivos o foco de interesse de uma comunidade diversificada de pesquisadores, no Brasil e no mundo, com o propósito deste artigo representar essa mudança de perspectiva (Spohr, 2023).

Em suma, neste artigo nos propusemos em enfatizar como a trajetória rebelde e dissidente de Clóvis Moura em relação as correntes predominantes nas interpretações sobre a escravidão e as populações negras no Brasil o aproxima e abre as portas de seu acervo para o diálogo de natureza decolonial.

Fontes

Arquivo Nacional (Brasil). (2005). *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*. Arquivo Nacional. http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf.

CEDEM (2022). *Guia do acervo do Cedem/Unesp*. Cultura Acadêmica. <https://www.cedem.unesp.br/#!/publicacoes/guia-acervo-3-edicao/>.

Moura, C. (1988). *Rebeliões da Senzala*. Mercado Aberto.

Moura, C. (1977). *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão? Conquista*.

Referências

Alencar, M. F., Bolfarini Tognoli, N., & Maria Nogueira Cervantes, B. (2023). Outros horizontes críticos e decoloniais nos estudos arquivísticos: em construção um mapeamento do domínio editorial internacional. *Encontros Bibli: Revista eletrônica De Biblioteconomia E Ciência Da informação*, 28 (Dossie Especial), 1-26. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e92661>.

Almeida, L. S.(org.) (2003). *O Negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Edufal.

Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira De Ciência Política*, (11), 89-117. <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>.

Gak, I., Toseli, N., Araújo Chipoco, A. C., & Sousa da Costa, A. (2021). Arquivos e decolonialidade: breves considerações acerca de uma abordagem necessária em pesquisa e extensão. *RAÍZES E RUMOS*, 9(2), 104-113. <https://doi.org/10.9789/2317-7705.2021.v9i2.104-113>.

Heymann, L. Q. (2005). De "arquivo pessoal" a "patrimônio nacional": reflexões acerca da produção de "legados". CPDOC.

Macedo da Silva, M., de Souza, M. A., & Cunha Junior, H. . (2023). História sociológica e Pan-Africanismo: reflexões para a educação. *Esferas*, 1(28). <https://doi.org/10.31501/esf.v1i28.14693>.

Mignolo, W. D. (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 32(94), 1-18. <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>.

Molina, T. (2019). O acervo documental de Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003). *Escritas Do Tempo*, 1(2), 5-24. <https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v1.i2.2019.0524>.

- Pinto, J. R. de S., & Mignolo, W. D. (2016). A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*, 15(3), 381-402. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.3.20580>.
- Portal Geledés (2009). *A nação afro-brasileira, Entrevista com Clóvis Moura*. <https://www.geledes.org.br/nacao-afro-brasileira-entrevista-com-clovis-moura/>.
- Silva, W. H. F. (2021). Trajetória política e intelectual de Clóvis Moura (1959-1989): quilombagem, práxis negra e antirracismo de um intérprete do Brasil. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, UFPB.
- Spohr, Martina (2023). Arquivos Pessoais: Debates Contemporâneos. *Estudos Históricos*, 36(79), 1-4. <https://doi.org/10.1590/S2178-149420230201>.
- VIDAL, L. (2007). Acervos pessoais e memória coletiva - Alguns elementos de reflexão. *Patrimônio e Memória*, 3(1), 3-13. <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1>.